CONCLUSÃO

A discussão da sociologia sobre temas como o esporte e a religião é quase sempre estanque, apresentando cada um como um universo separado e autônomo, cada qual compondo campos separados e apresentando dinâmicas próprias. A proximidade entre esses temas emerge quando há a discussão sobre as origens do esporte, considerado na maior parte das vezes como tendo raízes na religião ou em rituais religiosos. O mesmo ocorre quando se discute um esporte específico como o futebol, novamente nesse debate a religião aparece ligada umbilicalmente aos seus primórdios.

No Brasil, o futebol esteve ligado a resquícios de rituais religiosos desde o início de sua prática por trabalhadores estrangeiros, que passaram por terras nacionais, até a atualidade. Essa presença da religiosidade podia e ainda pode ser detectada no uso recorrente de rezas, orações e "trabalhos" tanto por jogadores amadores e profissionais como também por torcedores. Ora, essa religiosidade "popular" subjacente ao futebol, com práticas tão díspares e fontes diversas, é um elemento importante na composição e compreensão do campo do esporte brasileiro.

Porém, quando a religião em questão é a protestante, os campos da religião e do esporte, no Brasil, se mantiveram relativamente separados. Apesar de ter havido a presença de protestantes que praticavam o futebol na época em que este foi inserido no país, sobretudo por filhos de ingleses que estudavam no Mackenzie College, posteriormente chamado Universidade Mackenzie. Desde então, a relação do Protestantismo com os esportes em geral e com o futebol em particular passou por profundas transformações desde o início da última metade do século XIX.

Depois de um início em que a relação entre o Protestantismo e o futebol podia ser considerada relativamente neutra, ou de certa eqüidistância, as transformações posteriores em ambos os campos tornaram esta relação mais difícil, sobretudo com a popularização do futebol e sua profissionalização, ocorrida oficialmente em 1933. Esta popularização do futebol, que passou a abrigar jogadores provenientes das classes mais baixas da população, ocorreu simultaneamente com o processo gradual de desencantamento do sub-campo protestante. Isto gerou conflitos entre os protestantes, que passaram a considerar tal esporte, assim como os jogos em geral, como prejudicial à vida de devoção a Deus. Desta forma, desenvolve-se entre os protestantes um processo de desprestígio, de "demonização do esporte".

Identificamos neste texto as fontes de tal demonização: a herança teológica do Protestantismo que chegou ao Brasil; herança do pietismo, do puritanismo, com fortes influências da teologia dos avivamentos.

Trabalhamos com a hipótese de que essa demonização do esporte ocorreu por causa do desencantamento progressivo do sub-campo protestante, uma vez que, enquanto os participantes do sub-campo mantiveram as práticas aceitáveis pelos ocupantes das posições de comando, dos que detinham o capital religioso para determinar a forma de agir no interior do campo, não houve maiores problemas e nem questionamentos. O desencantamento do sub-campo protestante e transformação de sua relação com o futebol pode ser percebido nas publicações oficiais das denominações protestantes brasileiras, sobretudo nos jornais e revistas que, abandonando a neutralidade e eqüidistância inicial com o esporte, passaram a discutir se o envolvimento dos evangélicos com eles era ou não lícito.

Assim, o discurso dos agentes autorizados a falar pelas denominações começou a evidenciar que os protestantes já estavam participando do campo esportivo, o que tornou necessário o recrudescimento desse discurso como forma de manutenção das posições no sub-campo. O alvo preferencial do discurso das denominações foi o crescente descumprimento da guarda do domingo, que devia ser entendido como o "dia do Senhor", sendo vedado nele qualquer prática secular, não religiosa, incluindo os esportes. Nesse sentido, o desencantamento do sub-campo gerou a "dessacralização" do domingo, evidenciando a secularização do tempo.

Junto com o desencantamento do sub-campo protestante iniciou-se o processo de aprofundamento da secularização da própria sociedade brasileira. Isto significa que a religião foi perdendo sua capacidade de explicar a totalidade da vida para o homem moderno e acabou compartimentada, compondo a sua cosmovisão ao lado de outros aspectos menos transcendentes, como a ciência e a política. Portanto, não é mais a religião que determina a vida das pessoas, embora ela não tenha desaparecido como preconizavam seus inimigos: Marx, Engels, Lenin e Nietzche. Pelo contrário: a pluralidade religiosa atual levou inúmeros pesquisadores apressadamente a afirmarem a "revanche de Deus", ou o "retorno do sagrado". Partimos neste estudo do pressuposto de que o desenvolvimento da religião e do mundo moderno não são, necessariamente, excludentes e contraditórios, e de que o aprofundamento da secularização, na verdade, contribuiu para a pluralidade religiosa atual. Assim, a religião foi sendo progressivamente reservada ao âmbito das decisões pessoais e

neste espaço mantém ainda a sua força. O crescimento dos novos movimentos religiosos, tanto os de cunho pentecostal quanto os esotéricos, demonstra que a religião retraiu-se ao âmbito particular, mas está longe de perder sua atração simbólica.

Neste sentido, o Protestantismo, como afirmou Barrera (2001:277), "é a expressão cristã que melhor se adaptou à modernidade, domesticando o sagrado, desencantando o mundo e explicando-o com a ciência e da razão". Ora, este estudo que aqui desenvolvemos sobre a relação do Protestantismo com o esporte revela que quanto mais racional, científico e profissional se tornou o esporte, sobretudo o futebol, mais aceitável se tornou aos protestantes. Conseqüentemente, quanto mais a secularização se aprofundava na sociedade brasileira, mais os protestantes desencantavam os últimos bastiões da sacralidade, sobretudo o domingo, tempo sagrado, e mais se abriam para as práticas "seculares" como o futebol. Esse processo de desencantamento do mundo acabou por conduzir os evangélicos a uma reavaliação de parte de suas práticas religiosas, e mesmo de heranças teológicas, como forma de não perderem fiéis. Pode-se dizer que, de forma indireta, este processo abriu espaço para o surgimento de novas denominações evangélicas, ao lado de outros fatores como a urbanização e a industrialização. Até mesmo a mudança de atitudes de algumas denominações já existentes durante este processo em relação a aspectos litúrgicos e de costumes demonstra que, além da relação com o esporte, outros aspectos foram modificados como conseqüência do desencantamento.

Foi neste contexto que surgiu o grupo Atletas de Cristo (ADC), entidade para-eclesiástica com a finalidade definida de fazer proselitismo entre atletas de todos os esportes. De fato, o desencantamento desigual do sub-campo protestante, refletido em suas várias denominações, e a composição majoritária de atletas e adeptos dos ADC às denominações presbiteriana e batista revelam que o Protestantismo dos anos 1970 já havia superado seus interditos à prática do futebol, esporte mais praticado no país e que conta com maior número de filiados entre os ADC. Enquanto esse processo ocorria, os presbiterianos lutaram durante décadas na tentativa de preservar a guarda do domingo, o que incluía a rejeição a qualquer prática esportiva durante aquele dia. Por sua vez, os batistas praticamente ignoraram este assunto em seus periódicos, o que revela um certo "atraso cultural" desta denominação em relação aos presbiterianos. A criação de um grupo para atuar no meio esportivo com objetivos proselitistas, portanto, só foi possível porque a

presença de protestantes no campo esportivo profissional já era uma realidade, o que ocorreu posteriormente à dessacralização do tempo sagrado, o domingo.

O elemento de coesão e identitário do grupo ADC é a autocompreensão do atleta como "propagador da fé", como agente de proselitismo em relação aos companheiros de profissão. Esta supervalorização da conversão é coerente com a herança "arminiano-wesleyana" incorporada no Protestantismo brasileiro, uma vez que, independente da denominação, o protestante brasileiro considera como cristão apenas e tão-somente aquele que tenha passado pela experiência externa de salvação, ou seja, a conversão. De fato, todo o processo educacional, desenvolvido nos grupos locais com materiais produzidos pelo grupo, como os livretos *Novo no Time* e *Atleta de Cristo nota 10*, têm por objetivo a reprodução desta experiência nos seus interlocutores. O mesmo ocorre com a doutrinação adicional desenvolvida pelos ADC, como o jornal *Atletas de Cristo*, a página na Internet e os Congressos Anuais. A mesma preocupação com a propagação da fé aos companheiros de esporte pôde ser detectada nas entrevistas com os filiados ao grupo, ainda quando os temas das perguntas eram mais éticos que religiosos. Assim, evitar o uso de palavras de baixo calão e praticar o esporte com *fair play* são importantes para a manutenção da relevância da pregação proselitista, mais do que uma atitude que se espera de um atleta com convicções religiosas.

A estratégia para alcançar os companheiros de esporte é a adaptação da linguagem religiosa à esportiva, com o uso abundante de metáforas. O objetivo é facilitar a compreensão por parte dos "atletas-não-de-Cristo" de conceitos religiosos caros ao grupo. A novidade que o grupo insere no campo esportivo, portanto, não é a religião em si, já presente desde os primórdios do futebol e também em todos os níveis de prática desse esporte. O que os ADC trazem de novo é a inserção da religiosidade evangélica, acompanhada de sua linguagem característica e de uma explicação igualmente evangélica do próprio esporte, que contabiliza as vitórias e as grandes conquistas de atletas filiados ao grupo, e que silencia quando há a derrota. Quando há necessidade de explicar as derrotas, entra em ação a racionalização evangélica do grupo, que sempre as entende como derrotas "aparentes" e as transforma em vitórias incontestes e, assim, evita contrariar a lógica fundamental do grupo, de que o ADC é sempre "mais que vencedor", seja qual for o resultado obtido. Desta forma, transformam-se as derrotas em "vitórias religiosas".

A compreensão que os filiados aos ADC têm do outro, do "atleta-não-de-Cristo", está intimamente ligada ao elemento de coesão e identitário do grupo: todo aquele que não é evangélico, ou seja, que não passou pela experiência de conversão nos moldes arminianos, é alvo em potencial do discurso religioso. As nuanças entre os adeptos das várias formas de religião são secundárias, apesar de abrangerem desde o católico, tido como aquele "que está perto da salvação", passando pelo adepto de religiões afro-brasileiras, tido como "servidor do diabo", até o "sem-religião". Em todos os casos, na visão do grupo, os não evangélicos estão "separados de Deus" e precisam de um "encontro com Jesus" para serem incluídos no rol dos salvos. Isto revela a adoção, por parte dos ADC, de um sistema de referências excludente à semelhança de grande parte do Protestantismo e do Pentecostalismo brasileiros, em que "o outro é o demônio".

Quanto à compreensão prática da vivência religiosa no campo do esporte, a ética dos ADC está bastante distante daquele ascetismo intramundano que Weber pontuou ao tratar da ética protestante. Apesar das influências do puritanismo na formação da cosmovisão protestante e, por extensão, daquela dos ADC, os atletas não entendem seu trabalho como lugar de evidenciar sua eleição ou salvação. É claro que o proselitismo explícito do grupo evidencia um tipo de preocupação em demonstrar a condição de salvo do ADC, mas aquele ascetismo discutido por Weber, que levava a uma vida frugal e ao acúmulo de riquezas, está praticamente ausente entre os atletas do grupo. Predomina, mesmo entre os ADC, a mesma busca da independência financeira encontrada entre os "atletas-não-de-Cristo", com a utilização abundante dos argumentos de que "a carreira de jogador é muito curta", e de que "é preciso fazer o pé-de-meia enquanto é possível". Portanto, para o ADC, o aspecto determinante na relação com os atletas não convertidos é a possibilidade destes virem a se converter, enquanto a ética religiosa pouco ou nada contribui para a formação de um estilo de vida frugal do ADC. Quando ele é bem sucedido financeiramente, reproduz os mesmos padrões de consumo dos "atletas-não-de-Cristo", com a ostentação característica dos jogadores de grandes clubes, tornada visível, sobretudo na aquisição de carros importados ou de outros símbolos de status de um novo rico. O trabalho no sub-campo do futebol é entendido como uma profissão como outra qualquer, diferenciando-se por ser também um lugar de proselitismo e não de demonstrar que se é salvo nos moldes weberianos do ascetismo intramundano. Quando há preocupação com a conduta em relação aos outros atletas,

predomina a atenção com a manutenção da validade do discurso conversionista, sem que haja qualquer intenção de demonstrar a própria condição de eleito.

Quanto aos aspectos não contemplados neste estudo, destacamos três que podem se tornar objetos de pesquisas futuras com perspectivas de serem frutíferas: o primeiro aspecto refere-se aos consumidores do espetáculo do futebol, os torcedores que, apesar de comporem o campo do esporte e também da religião, ficaram excluídos aqui por extrapolarem o objetivo do trabalho, que era o de apresentar as transformações porque passou o sub-campo protestante em sua relação com o esporte. Os rituais, os cânticos dos torcedores e as torcidas organizadas já foram analisados dos pontos de vista da antropologia, da sociologia do esporte e da comunicação, mas não há qualquer pesquisa da perspectiva da sociologia da religião.

O segundo aspecto refere-se aos meios de comunicação de massa, sobretudo as transmissões de jogos no rádio, na televisão e os programas de debate do tipo mesa redonda. Questões como a propaganda, o uso do esporte para reforçar o nacionalismo, e idéias afins têm sido trabalhadas por pesquisadores de várias áreas do conhecimento humano. Porém, o estudo de expressões com conotações religiosas, presentes em abundância nas transmissões e nos programas de debate, as explicações às vezes mágicas e às vezes míticas das conquistas dos clubes ou da seleção nacional permanecem um campo ainda inexplorado pela sociologia da religião.

O terceiro aspecto refere-se às igrejas voltadas especificamente para o esporte como a Igreja Bola de Neve, composta em sua maioria por surfistas. Há algumas pesquisas em andamento desenvolvidas por pesquisadores da teologia, mas na sociologia da religião e dos esportes os estudos são ainda incipientes, necessitando de mais pesquisas de campo.